ReGeo ISSN: 2177-3246

ENTRE CACHOS E PALAVRAS: A INFLORESCÊNCIA DA BANANEIRA EM FORMOSO DO ARAGUAIA

BETWEEN BUNCHES AND WORDS: THE BANANA INFLORESCENCE IN FORMOSO DO ARAGUAIA

ENTRE RIZOS Y PALABRAS: LA INFLORESCENCIA DEL PLÁTANO EN FORMOSO DO ARAGUAIA

10.56238/revgeov16n4-076

Karina de Jesus Araujo
Doutoranda em Letras Filologia e Língua Portuguesa
Instituição: Universidade de São Paulo (USP)
E-mail: kjaraujo@usp.br

Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida
Doutorado em Letras Filologia e Língua Portuguesa
Instituição: Universidade de São Paulo (USP)
E-mail: msantiago@usp.br

Carina Maria da Silva Crispim (Cacao)
Graduação em Letras e Espanhol
Instituição: Universidade de São Paulo (USP)
E-mail: carinams@usp.br

Isabel Cristina Samoel Fonseca
Mestrado em Língua Portuguesa/Letras
Instituição: Universidade de São Paulo (USP)
E-mail: isabelfonseca@usp.br

Nídia Ferraz Lopez
Mestrado em Letras
Instituição: Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT)
E-mail: nidia.ferraz@unemat.br

Nilton Arlindo da Silva Filho Mazochin
Mestrando em Letras
Instituição: Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT)
E-mail: nilton.mazochin@unemat.br

Paula Torres Fernandes
Doutoranda em Estudos da Linguagem
Instituição: Universidade Federal de Catalão
E-mail: paulinha1ba@hotmail.com

ReGeo

ISSN: 2177-3246

Priscila Ferreira Alécio
Doutoranda em Estudos da Linguagem
Instituição: Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT)
E-mail: priscila.alecio@sou.ufmt.br

RESUMO
Este artigo analisa as variantes lexicais para "inflorescência da bananeira" em Formoso do Araguaia-TO, na Amazônia Legal. Fundamentado na Dialetologia Pluridimensional e Relacional , o estudo aplica a técnica dos três passos de Thun (2010) na fala de 48 informantes, organizados por gerações e grupos varietais (maranhense, gaúcho, caipira e ribeirinho). Os resultados, apresentados em mapas polimórficos, registram a ocorrência de formas como coração, mangará e umbigo/imbigo, cuja distribuição é influenciada por fatores diageracionais e diatópicos. A análise evidencia a dinâmica da variação e da mudança lexical na região e contribui para a cartografia linguística do português brasileiro.

Palavras-chave: Dialetologia Pluridimensional e Relacional. Inflorescência da Bananeira. Amazônia Legal.

ABSTRACT
This article analyzes the lexical variants for "banana inflorescence" in Formoso do Araguaia, Tocantins, within the Brazilian Legal Amazon. Grounded in Pluridimensional and Relational Dialectology, the study applies Thun's (2010) three-step technique to the speech of 48 informants, organized by generations and varietal groups (Maranhense, Gaúcho, Caipira, and Ribeirinho). The results, presented in polymorphic maps, record the occurrence of forms such as coração, mangará, and umbigo/imbigo, whose distribution is influenced by diagerational and diatopic factors. The analysis highlights the dynamics of lexical variation and change in the region and contributes to the linguistic cartography of Brazilian Portuguese.

Keywords: Pluridimensional and Relational Dialectology. Banana Inflorescence. Brazilian Legal Amazon.

RESUMEN
Este artículo analiza las variantes léxicas de "inflorescencia del banano" en Formoso do Araguaia, Tocantins, Brasil, en la Amazonia Legal. Basado en la Dialectología Pluridimensional y Relacional, el estudio aplica la técnica de tres pasos de Thun (2010) al habla de 48 informantes, organizados por generaciones y grupos varietales (Maranhão, Gaucho, Caipira y Ribeirinho). Los resultados, presentados en mapas polimórficos, registran la ocurrencia de formas como coração (corazón), mangará (mangará) y umbigo/imbigo (ombligo/imbigo), cuya distribución está influenciada por factores diageneracionales y diatópicos. El análisis destaca la dinámica de la variación y el cambio léxico en la región y contribuye a la cartografía lingüística del portugués brasileño.

Palabras clave: Dialectología Pluridimensional y Relacional. Inflorescencia del Banano. Amazonia Legal.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O português falado no Brasil é marcado por uma expressiva diversidade, reflexo de processos históricos, sociais e migratórios que configuraram o país. Os estudos geolinguísticos têm se dedicado a mapear essa riqueza, revelando como o contato entre diferentes culturas molda o léxico em distintas comunidades. Inserido nesse contexto, este artigo investiga a variação lexical na Amazônia Legal, uma região de intensa influência linguística. O estudo se debruça sobre a comunidade de Formoso do Araguaia, no Tocantins, um município caracterizado pela confluência de falantes de diversas origens, como maranhenses, gaúchos, caipiras e ribeirinhos.

O objetivo central é analisar as variantes utilizadas para designar a "inflorescência da bananeira" , a partir de 48 informantes locais. Busca-se. então compreender como fatores extralinguísticos, como geração, origem e contato entre variedades, influenciam a dinâmica de uso, manutenção ou desuso de determinadas formas lexicais.

Para tanto, a pesquisa fundamenta-se teórica e metodologicamente na Dialetologia Pluridimensional e Relacional, aplicando a técnica dos três passos (perguntar, insistir e sugerir) proposta por Thun (2010). Os dados coletados são analisados de forma qualitativa e apresentados em mapas polimórficos e de *status* da forma, que cartografam a distribuição das variantes na área investigada. Este trabalho visa, assim, contribuir para a documentação do português falado na Amazônia Legal e para a compreensão da variação e mudança em áreas de fronteira linguística.

2 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: INTERFACES ENTRE DIALETOLOGIA, GEOLINGUÍSTICA E SOCIOLINGUÍSTICA

Este artigo tem como proposta a investigação, o levantamento e a cartografação das variantes lexicais para a "inflorescência da bananeira" utilizadas pela comunidade de Formoso. Para tal, o estudo se fundamenta na teoria metodológica Pluridimensional e Relacional, uma abordagem que, embora derivada da Dialetologia e Geolinguística tradicionais, de caráter monodimensional, busca superar suas limitações.

A língua, em sua perspectiva diacrônica, está em constante evolução. O presente estudo busca, a partir de um recorte linguístico específico, refletir sobre essa trajetória histórica e suas manifestações na contemporaneidade. Nesse cenário, observa-se um movimento de aproximação entre a Dialetologia e a Sociolinguística, considerada mais moderna, especialmente no desafio de documentar a variação linguística de forma mais completa. Para isso, o estudo dialoga com os pressupostos teórico-metodológicos de Thun (2010), a partir da cartografia linguística e a "cronofotografia" que captura a língua em seus múltiplos estágios e movimentos (Araujo, 2023).

Adota-se, para tanto, uma metodologia que visa a uma documentação mais fidedigna da variante linguística, empregando o "sistema em cruz" e a "técnica dos três passos" (perguntar, insistir

e sugerir). Essas ferramentas permitem integrar diversas dimensões da análise Sociolinguística, principalmente aquelas que Labov (2008) nomeou, como: os estratos sociais, a escolaridade, a faixa etária, gerações e o gênero (masculino e feminino). O percurso teórico adotado possibilita, assim uma reflexão sobre o diálogo histórico e as lacunas existentes entre a Dialetologia tradicional, a Sociolinguística laboviana e a emergente Geolinguística Pluridimensional e Relacional (Araujo, 2023).

Para Araujo (2023), Tomás Navarro já se questionava antes de Labov, sobre as lacunas existentes na Geolinguística, como a questão da classe social e geralmente só estava interessada em informantes homens e ignorava, portanto, a participação de mulheres em suas pesquisas. Além disso, a chegada da Sociolinguística, apesar de ter sido considerada um marco, com a proposta de estudos englobando diversas dimensões sociais, apresenta limitações quanto à dimensão diatópica (espaços geográficos).

Além disso, nem tudo que a Sociolinguística apresentou como inovação, já não tinha considerado anteriormente pela Geolinguística. Uma vez que, nas décadas de 70 até 90 (século XX) entrou em decadência, período que ficou conhecido como "cemitérios geolinguísticos", visto que a academia científica foi engolida pela teoria laboviana (Araujo, 2023, p. 533).

Ademais, Harald Thun apresenta uma inovação, com a elaboração do *El Altas linguístico Diatópico y Diastrático del Uruguai* (ADDU, 1989) propõe uma Geolinguística refinada, capaz de dialogar com a Sociolinguística, ao integrar sistematicamente o eixos diatópico e diastrático. Essa abordagem pluridimensional ganhou adeptos, especialmente no Brasil, onde projetos como o "Atlas Linguístico do Brasil" (ALiB) adotaram o sistema em cruz, bem como, alguns países da América Central, já que a Geolinguística europeia, em sua maioria, continuou resistente às influências a Sociolinguística, em parte por uma questão de preservação de sua própria tradição.

A principal diferença entre a Geolinguística Pluridimensional e a Sociolinguística reside, portanto, no equilíbrio entre as dimensões de análise. Enquanto a Sociolinguística demonstra grande eficácia em mapear a variação em territórios extensos, mas sua maior lacuna histórica foi a restrição de seu perfil de informante: tipicamente homens, idosos, de baixa escolaridade e de zonas totalmente rurais. Esse recorte, embora valioso, representa apenas uma faceta da complexa realidade linguística de uma comunidade de fala, que inclui falantes de contextos urbanos e com perfis socioculturais diversos. A abordagem pluridimensional surge, assim, como uma tentativa de sintetizar o melhor de ambos os mundos: a profundidade social da Sociolinguística com a amplitude espacial da Geolinguística (Araujo, 2023).

3 DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL E RELACIONAL: FUNDAMENTOS E APLICAÇÕES

O método de Thun (1998, 2000, 2005, 2009, 2010, 2017) transformou o campo da linguística ao introduzir a Dialetologia Pluridimensional e Relacional, uma fusão pioneira da Dialetologia Areal e da Sociolinguística, que anteriormente eram abordadas de maneira distinta. Esta perspectiva expande as fronteiras da Geolinguística para uma visão tridimensional, incorporando tanto a variação geográfica quanto os fatores extralinguísticos, como gênero, idade e nível de escolaridade dos informantes.

Certos aspectos essenciais dessa metodologia precursora são dignos de nota, incluindo a participação de diversos informantes, a análise de variedades tanto padrão (*standard*) quanto não padrão (*substantard*), bem como as variedades em situação de contato. Adicionalmente, a metodologia possibilita a sugestão de variantes pelo pesquisador aos informantes e incorpora diferentes perspectivas temporais na análise dos dados.

Cabe ressaltar que essa abordagem não deslegitima os estudos anteriores, mas visa expandir a representatividade nas análises linguísticas, considerando as múltiplas dimensões, conforme apontam Thun (2005) e Labov (2008). Outrossim, a Dialetologia Pluridimensional e Relacional é concebida como uma evolução das ideias Abbé Rousselot e Tomás Navarro Tomás, representando um estrutura variacional na perspectiva tridimensional que articula a Dialetologia tradicional com o eixo vertical da Sociolinguísticia a realização desta pesquisa, os seguintes parâmetros e dimensões definidos por Thun (2000, p. 189) foram adotados conforme expõe a figura 1 a seguir:

Figura 1: Parâmetros e dimensões da Dialetologia Pluridimensional e Relacional.

Dimensões	Parâmetros
Diatópica	Rede de pontos: zona urbana e zona rural
Diageracional	(GI) Geração de Jovens– 18 a 40 anos
	(GII) Geração de Velhos – acima de 50 anos
Diassexual	Homem – masculino
	Mulher - feminino
Diastrática	Estratos sociais/escolaridade
	Classe baixa (Cb) – até ensino médio completo
Diarreferencial	Fala objetiva
	Fala metalinguística
Diafásica	Ferramenta dos três passos: perguntar, insistir e sugerir.

Fonte: elaborado pela autora a partir de Altenhofen (2006, p. 375).

A proposta apresentada por Thun (2009) estabelece uma sequência cronológica para o estudo da Dialetologia, dividindo- a em quatro etapas distintas: Nanocronologia, Microcronologia, Mesocronologia e Macrocronologia. Na Nanocronologia, o foco está na análise contínua do discurso

individual sem interferências externas. Nesta fase são investigados elementos de estilo, como a palatalização em palavras como tia e dia, se considerarem variáveis não linguísticas, como idade e sexo.

A Microcronologia concentra-se no discurso de um informante durante interações informais, incluindo respostas espontâneas, comentários metalinguísticos e momentos de leitura. A fonética desempenha um papel central neste ponto, embora a análise dialetal monodimensional esteja limitada a respostas transcritas na língua padrão. Por sua vez, a Mesocronologia está associada à Dialetologia Pluridimensional e Relacional, explorando as formas linguísticas utilizadas por falantes em diferentes grupos sociais, considerando variáveis como idade, sexo e escolaridade, o que permite observar a variação e a mudança linguística ao longo do tempo.

Por fim, a Macrocronologia consiste na análise comparativa da fala de informantes de diferentes gerações com um grande distanciamento temporal. Os dados podem ser obtidos por meio de repetição sucessiva no mesmo grupo (análise de painel) ou comparando duas séries de materiais de diferentes períodos, mas coletados no presente. A macrocronologia aborda diversas dimensões, como a diatópica, diastrática, diageracional, diassexual, diafásica e diarreferencial.

Nesse sentido, o modelo concebido por Thun (2009) oferece um arcabouço cronológica para a análise dialetológica, desde a investigação do modo de fala individual até a comparação de gerações ao longo do tempo, abrangendo uma variedade de dimensões linguísticas e extralinguísticas. Essas fases proporcionam uma compreensão mais profunda da variação e mudança linguísticas em diferentes contextos sociais e históricos.

O artigo aborda a evolução dos estudos dialetais, enfatizando uma abordagem pluridimensional e relacional para entender os usos linguísticos em comunidades diversas, como Formoso do Araguaia, TO. Inicialmente limitados a pressupostos monodimensionais, esses estudos agora integram múltiplas dimensões: diatópica, diastrática, diageracional, diassexual, diafásica e diarreferencial.

A dimensão diatópica analisa variações linguísticas geográficas, enquanto a diastrática considera fatores socioeconômicos, educacionais, etários e profissionais. A dimensão diageracional foca na idade dos informantes, e a diassexual examina diferenças entre sexos. A dimensão diafásica aborda aspectos estilísticos da linguagem em diferentes contextos, e a diarreferencial analisa metalinguagem e atitudes linguísticas dos informantes, proporcionando um entendimento pormenorizado das variedades linguísticas e percepções sociais.

Marques (2022) sugere a técnica dos três tempos em estudos linguísticos, aplicando-a de três maneiras: pluralidade simultânea, sucessiva e de várias vias. Esta abordagem permite discussões entre informantes, interação com o pesquisador e análise metalinguística. Thun (2010) ressalta os passos de perguntar, insistir e sugerir na criação de mapas que representam o uso ativo da linguagem, aprofundando o entendimento sobre as variantes linguísticas ao capturar respostas espontâneas, o

conhecimento passivo e sugestões aceitas. Tavares de Barros (2019) complementa ao sugerir o uso de questionários, conversas livres e leituras, integrando-os aos três passos para explorar diversas facetas da linguagem de forma abrangente.

Krug e Horst (2022) expõem a proposta de Thun na cartografia linguística, destacando a simplificação através dos mapas fenotípicos, que utilizam um único símbolo para representar grupos socioculturais divididos por níveis de escolarização e gerações. A abordagem pluridimensional e relacional condensa quatro grupos em um único mapa, indicando unidade linguística quando os resultados convergem. A limitação de usar apenas um símbolo por célula do modelo em cruz auxilia na visualização dos dados, seguindo o conceito do "ponto-símbolo".

Nessa perspectiva, Thun (2010) introduz a ideia de zonas linguísticas, como exemplificado pelo caso de "caçula" no Norte do Uruguai, onde símbolos pretos e brancos delimitam áreas distintas. A Dialetologia Pluridimensional e Relacional revela a complexidade da cartografia linguística, que registra até quatro formas predominantes no mapa polifórmico. A proposta do autor para separar informações em mapas temáticos sucessivos reflete a necessidade de legibilidade e precisão na representação linguística.

Neste mesmo âmbito, a metáfora dos cavalos na cronofotografia ilustra a evolução na cartografia de dados linguísticos, comparando atlas linguísticos a "fotos instantâneas" históricas sem retoques. De acordo com Krug e Horst (2022), Thun utiliza ferramentas como questionários estruturados e livres, além dos três passos (perguntar, insistir e sugerir), para capturar múltiplos aspectos do fenômeno linguístico. Essas abordagens visam aprofundar a compreensão das variações linguísticas ao longo do tempo e do espaço, contribuindo para avanços na pesquisa cartográfica linguística .

Em resumo, a entrevista de Krug e Horst (2022) ilustra como a abordagem inovadora de Thun na cartografia linguística não só facilita a representação de complexidades socioculturais e geracionais através de mapas fenotípicos, mas também aprofunda a compreensão das dinâmicas linguísticas por meio de técnicas pluridimensionais e relacionais. Ao integrar conceitos como o ponto-símbolo e zonas linguísticas, Thun melhora a visualização dos dados e propõe novas perspectivas para a análise das variações linguísticas ao longo do tempo e espaço. Essa metodologia além de fortalecer a precisão dos mapas linguísticos, também impulsiona avanços contínuos na pesquisa linguística, destacando a importância de métodos rigorosos e ferramentas inovadoras para um entendimento mais abrangente da diversidade linguística global.

4 DIRETRIZES METODOLÓGICAS

O presente estudo investiga de forma qualitativa (Martin; Gaskell, 2008) os elementos semântico-lexicais das variantes identificadas em uma específica comunidade linguística, a de

Formoso do Araguaia, Tocantins, selecionada por sua diversidade linguística. O objetivo é analisar sua ocorrência, frequência e divergências entre elas.

A pesquisa segue a metodologia da Dialetologia Pluridimensional e Relacional, visando documentar as diversas formas de fala presentes na comunidade. Para isso, são empregadas ferramentas como os três passos, o sistema em cruz de Thun (2010), adicionalmente às dimensões da teoria Sociolinguística de Labov (2008) e o Questionário Semântico Lexical (QSL/ALiB), que compreende 202 questões distribuídas em 14 áreas semânticas. A área selecionada para este estudo é a dos jogos e diversões infantis, com foco na questão 164 "*uma brincadeira em que as crianças ficam em círculo, enquanto uma outra vai passando com um objeto que deixa cair atrás de uma delas e esta pega o objeto e sai correndo?*".

É importante destacar a relevância das características históricas, culturais e linguísticas de Formoso do Araguaia. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Mato Grosso e observou as diretrizes estabelecidas pelas resoluções 466/2012 e 510/2016 da CONEP. Durante a coleta de dados, foram adotadas medidas de segurança em virtude da pandemia de COVID-19, incluindo o uso de máscaras, álcool em gel e o distanciamento social. Diante disso, faz-se necessária a apresentação da metodologia utilizada na pesquisa, a qual será detalhada a seguir.

A pesquisa abrange tanto a área urbana quanto a rural do município, considerando o crescimento populacional urbano em comparação com o rural e suas decorrentes mudanças linguísticas. A seleção da área rural, especialmente a Fazenda de Canuanã, revela-se fundamental para examinar as diferenças linguísticas entre as áreas urbana e rural.

O estudo contempla as diversas variedades do português e segmenta o município em setores socioculturais, investigando tanto bairros tradicionais quanto modernos, além de variações na educação. Assim, observa-se que a definição da área de pesquisa dialetal é influenciada por vários fatores, como localização geográfica, contexto histórico, economia e demografia local. Nesse contexto, a inclusão da comunidade rural como foco da pesquisa é crucial para analisar e comparar o léxico utilizado em Formoso do Araguaia.

Os participantes foram organizados em duas gerações de informantes: a Geração I (GI), que engloba pessoas mais jovens com idades entre 18 e 40 anos, e a GeraçãoII (GII), composta por pessoas mais velhas com 50 anos ou mais, que residem em Formoso do Araguaia por no mínimo três décadas. Dessa forma, as respostas dos informantes são analisadas com base na área semântica jogos e diversões infantis do (QSL/ALiB). Para garantir a precisão dos resultados, foram observados os critérios do ALiB na seleção dos informantes, evitando a inclusão de membros da mesma família, embora localizar informantes que correspondessem ao perfil desejado tenha sido um desafio.

As entrevistas foram realizadas individualmente. O grupo de informantes é composto por 32 pessoas, paritariamente distribuídas entre homens e mulheres, com diferentes níveis de escolaridade,

totalizando 16 indivíduos de cada gênero. Quatro grupos varietais são identificados com base em diferentes variedades do português (maranhense, gaúcho, caipira e ribeirinho). Para assegurar o equilíbrio entre os grupos varietais, foram entrevistados mais 16 informantes durante a terceira fase da pesquisa. No final, o grupo de informantes é composto por um total de 48 pessoas, distribuídas de forma equilibrada em termos de gênero, idade e escolaridade, com o objetivo de analisar a variação linguística em Formoso do Araguaia.

Os dados para esta pesquisa foram coletados utilizando: gravações de encontros presenciais, questionários impressos, transcrições e medidas de biossegurança foram para evitar contaminação durante a pandemia do Covid-19. Tornou-se necessário o apoio de intermediários para facilitar o contato com os informantes antes das visitas aos locais de pesquisa. O *corpus* deste estudo foi composto por variantes que representam diferentes nuances semânticas-lexicais das expressões linguísticas locais.

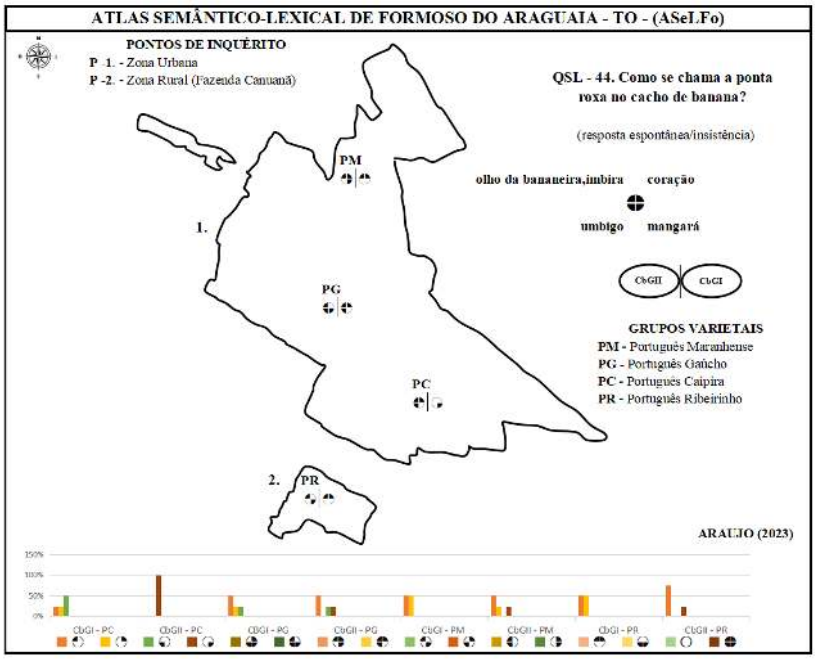
5 REFLEXÕES SOBRE OS RESULTADOS

A análise dos dados lexicais para a pergunta 44 – "*Como se chama a ponta roxa no cacho da banana?*" – revelou um conjunto de variantes significativas na comunidade estudada. Esta seção apresenta os resultados obtidos por meio da metodologia dos três passos de Thun (2010), discutindo a distribuição e o status das formas lexicais encontradas.

5.1 VARIANTES ESPONTÂNEAS E CONHECIMENTO PASSIVO (1º E 2º PASSOS)

A aplicação dos dois primeiros passos da metodologia (perguntar e insistir) resultou no registro das seguintes formas principais: *olho da bananeira/imbira*, *coração*, *umbigo* e *mangará*, conforme ilustra o mapa polifórmico da Figura 2. Todas as variantes foram reconhecidas em diferentes graus pelos quatro grupos sociolinguísticos analisados (PM, PG, PC e PR).

Figura 2- Mapa polifórmico - Inflorescência da bananeira (Respostas Espontâneas)



Fonte: Araujo (2023, p. 197).

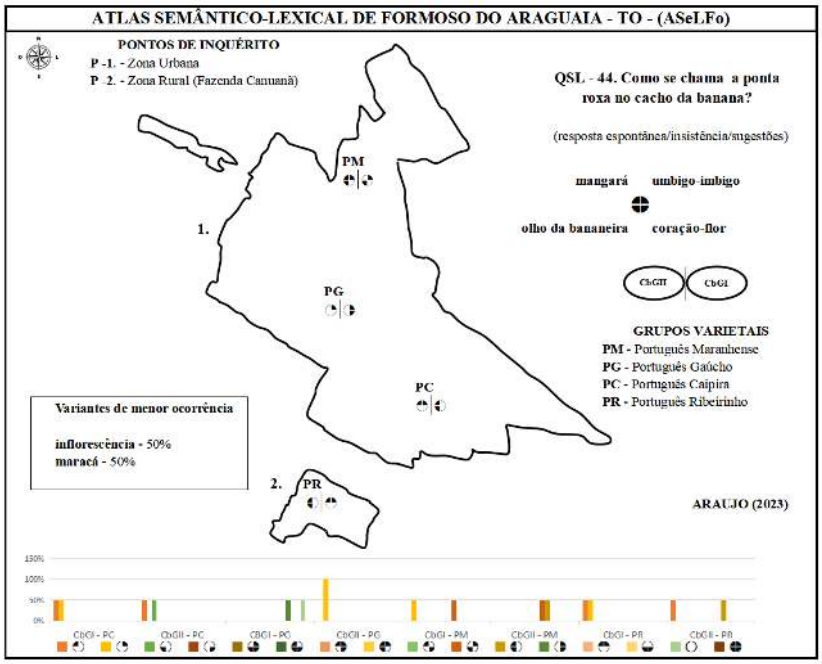
A análise dos dados espontâneos revela uma variação geracional e entre os grupos. De modo geral, a geração mais velha (GII) demonstrou um conhecimento passivo mais amplo, reconhecendo cerca de 75% das variantes nos grupos PM, PG e PC. Em contrapartida, a geração mais nova (GI) apresentou um conhecimento mais restrito, como no grupo PC, em que apenas a variante *mangará* foi citada espontaneamente (25% das formas). O grupo PR, por sua vez, mostrou um conhecimento de 50% das variantes para ambas as gerações.

O termo técnico inflorescência, definido por dicionaristas como Casteleiro et al. (2001), não surgiu nas respostas espontâneas, confirmando o caráter popular e regional das variantes coletadas.

5.2 CONHECIMENTO POR SUGESTÃO (3º PASSO) E DIÁLOGO COM A LEXICOGRAFIA

Avançando para o terceiro passo (sugerir), foram apresentadas aos informantes outras variantes documentadas em atlas linguísticos anteriores (ALERS, 2011; ALIPE, 2013; ALITTETO, 2018; ASELGO, 2013; ALPR, 1994), como *maracá*, *espiga da bananeir*a, *coração-flo*r e *engaço*. As variantes que obtiveram maior reconhecimento após a sugestão foram *mangará/maracá, umbigo/imbigo, olho da bananeira* e *coração-flo*r, conforme o mapa da Figura 3.

Figura 3 - Mapa polifórmico - Inflorescência da bananeira - 3º passo (Sugestão)



Fonte: Araujo (2023, p.199).

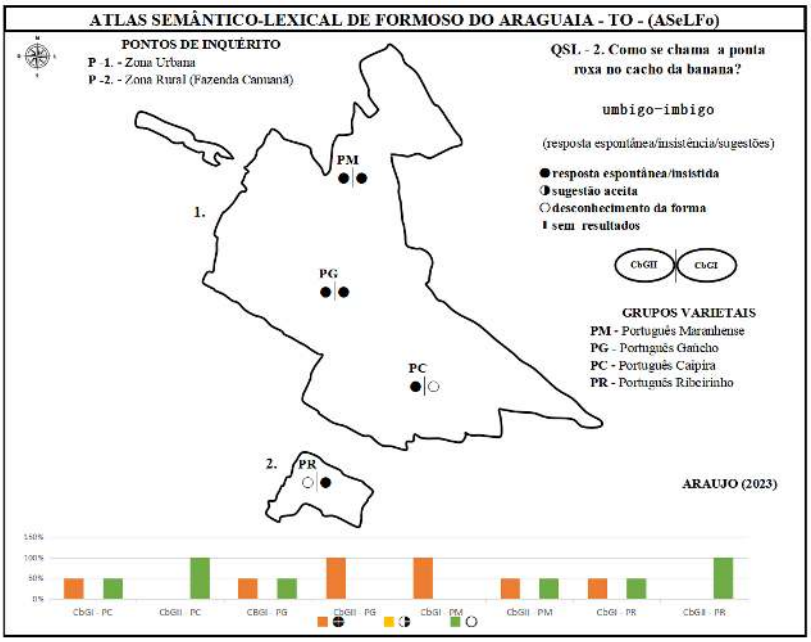
A aceitação das sugestões variou consideravelmente. O grupo PM (GII) aceitou 75% das variantes sugeridas, enquanto o grupo PG (GII) reconheceu apenas 25% (*umbigo/imbigo*). Os grupos PC e PR, por sua vez, aceitaram 50% das formas sugeridas em ambas as gerações, demonstrando um padrão de conhecimento distinto entre os grupos.

A discussão desses resultados ganha profundidade quando comparada à literatura lexicográfica. A variante *mangará*, frequentemente associada ao Nordeste (Seraine, 1991), foi registrada com vitalidade não apenas no grupo de influência maranhense (PM)], bem como, no caipira (PC)] e no ribeirinho (PR), o que amplia sua área de ocorrência documentada. Um informante do grupo PR (GII) afirmou: “Siazinha nois aqui conhecemo a ponta roxa que dá no cacho da banana por mangará, tem gente que chama olho da banana. Agora por imbigo e coração-flor, nunca ouvi falar por aqui não viu”. Da mesma forma, a variante umbigo/imbigo, registrada por Ferreira (2004) e em falares açorianos por Barcelos (2008), demonstrou grande proeminência na pesquisa.

5.3 *STATUS* DA FORMA UMBIGO/IMBIGO

Devido à sua alta frequência e representatividade, foi elaborado um mapa de *status* específico para a variante *umbigo/imbigo* (Figura 4) para detalhar sua distribuição.

Figura 4 - Mapa lexical - Status da forma - umbigo/imbigo



Fonte: Araujo (2023, p.202).

O mapa evidencia que a forma *umbigo/imbigo* ocorre espontaneamente nos grupos PM e PG em ambas as gerações, como no relato: “Oia, chamemo a ponta dos cacho de banana por imbigo, umbigo por aqui no Formoso” (Informante CbGI - PM). Nos demais grupos, seu uso espontâneo é geracionalmente marcado: ocorre na geração mais velha (GII) para os grupos PG e PC, e apenas na geração mais nova (GI) para o grupo PR.

O desconhecimento da variante também se mostrou significativo, sendo registrado entre os jovens (GI) do grupo PC e os mais velhos (GII) do grupo PR, o que sinaliza um processo de variação e possível mudança lexical em curso na comunidade de Formoso do Araguaia.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo se propôs a investigar a variação lexical para a “inflorescência da bananeira” na comunidade de fala de Formoso do Araguaia-TO, uma representativa área de contato linguístico na Amazônia Legal. Assim, ancorada na Dialetologia Pluridimensional e Relacional, a pesquisa aplicou a metodologia dos três passos de Thun (2010), que se mostrou eficaz para capturar o uso espontâneo das variantes, bem como o conhecimento passivo e a aceitação de formas sugeridas pelos 48 informantes.

Os resultados revelaram um dinâmico panorama, com a coexistência de variantes como: *olho da bananeira/imbira, coração, mangará* e *umbigo/imbig*o. A análise dos dados, organizada em mapas polimórficos e de *status*, demonstrou que a distribuição dessas formas é significativamente influenciada por fatores extralinguísticos, em especial os geracionais (GI e GII) e o contato entre os diferentes grupos varietais (PM, PG, PC e PR).

Ademais, a notoriedade da variante *umbigo/imbigo* e seu uso marcado entre as gerações e grupos sinaliza um processo ativo de variação e possível mudança lexical na região. Uma vez que, ao cartografar um item lexical específico, o estudo contribui para a documentação do português falado na Amazônia Legal, bem como, reforça a pertinência da abordagem pluridimensional para compreender a complexidade dos usos linguísticos em áreas distintas.

Evidenciou-se, portanto, que a língua, em sua materialidade social e geográfica, está em constante reconfiguração, e que cada palavra carrega vestígios da história e dos encontros de seus falantes. Espera-se que este trabalho impulsione novas pesquisas dialetológicas na região, explorando outros campos lexicais e aprofundando o entendimento sobre a identidade linguística amazônica.

REFERÊNCIAS

AUGUSTO, Vera Lúcia Dias dos Santos. Atlas semântico-lexical do estado de Goiás (ASELGO). Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. 650f.

AGUILERA, V. de A. Atlas linguístico do Paraná. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 1996.

ALTENHOFEN, C. V. Interfaces entre dialetologia e história. In: MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. (orgs.). Documentos 2: Projeto Atlas linguístico do Brasil. Quarteto, 2006. p. 159-185.

ALTINO, C. F. Atlas linguístico do Paraná: ALPR II. 2007. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000135551. Acesso em: 22 fev. 2023.

ARAUJO, K. de J. Atlas semântico-lexical de Formoso do Araguaia - Tocantins: a dialetologia pluridimensional e relacional na Amazônia legal. 2023. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade do Estado de Mato Grosso, 2023.

BARCELOS, J. M. Soares de. Dicionário de falares dos Açores: vocabulário regional de todas as ilhas. Coimbra: Edições Almedina, 2008.

CASTELEIRO, J. M. et al. Dicionário da língua portuguesa contemporânea. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa; Editorial Verbo, 2001.

FERREIRA, A. B. de H. Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa. Curitiba: Positivo, 2004.

KRUG, M. J.; HORST, C. Dialetologia pluridimensional e relacional: entrevista com o professor Dr. Harald Thun. Working Papers em Linguística, v. 23, n. 1, p. 08-16, 2022.

LABOV, W. Padrões sociolinguísticos. São Paulo: Parábola, 2008.

MARQUES, M. J. B. Microatlas linguístico contatual das variedades do português falado no norte de Mato Grosso. 2022. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Mato Grosso, 2022.

MARTIN, B.; GASKELL, G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2008.

SÁ, Edmilson José de. Atlas Linguístico de Pernambuco (ALiPE). Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013. 417f.
SERAINE, F. Dicionário de termos populares. 2. ed. Fortaleza: Stylus Comunicações, 1991.

SILVA, G. A. da. Atlas linguístico e topoestático do estado do Tocantins (ALITTETO). 2018. 394 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

THUN, H. La geolinguística como linguística variacional general (con ejemplos del Atlas linguístico Diatópico y Diastrático do Uruguay). In: RUFFINO, G. (ed.). Atti del XXI Congresso internazionale di linguistica e filologia romanza. Vol. 5. Niemeyer, 1998. p. 701-729, 787-789.

THUN, H. O português americano fora do Brasil. In: GARTNER, E.; HUNDT, C.; SCHONBERGER, A. (orgs.). Estudos de geolinguística do português americano (Sammelband). TFM, 2000. p. 185-227.

THUN, H. A dialetologia pluridimensional no rio da Prata. In: ZILLES, A. M. S. (org.). Estudos de variação linguística no Brasil e no Cone Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2005. p. 63-92.

THUN, H. A geolinguística pluridimensional, a história social e a história das línguas. In: ANDRADE, V. A. de (org.). Para a história do português brasileiro, volume VII: vozes, veredas, voragens. Londrina: EDUEL, 2009. p. 531-558.

THUN, H. Pluridimensional cartography. In: LAMELI, A. et al. (eds.). Language and space: language mapping: an international handbook of linguistic variation. Berlin; New York: Gruyter Mouton, 2010. p. 506-523.

THUN, H. O velho e o novo na geolinguística. In: ALTENHOFEN, C. V.; PAVAN, C. F. (orgs.). Cadernos de Tradução: percursos teóricos e metodológicos da dialetologia. n. 40. Porto Alegre: UFRGS, 2017. p. 59-81.